

Apresentação

Denise Maria de Oliveira Lima

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

LIMA, DMO. Apresentação. In: *Diálogo entre a sociologia e a psicanálise: o indivíduo e o sujeito* [online]. Salvador: EDUFBA, 2012, pp. 15-24. ISBN 978-85-232-1180-6. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

APRESENTAÇÃO

O sujeito? De que plural é feito! (Roland Barthes)

A perspectiva inter e multidisciplinar pode resultar em um alargamento do horizonte conceitual e em uma melhor compreensão de fenômenos sociais e psíquicos altamente complexos. (FREITAG, 2001).

Este livro é resultado de um desejo, que me levou ao esforço de reflexão e escrita em minha tese de doutorado, para tornar possível um estudo sobre o entrelaçamento da dimensão social e da dimensão psíquica do ser humano, à luz dos condicionamentos sociais do que estou denominando *indivíduo* e da determinação inconsciente do que estou denominando *sujeito*.¹ Nessa tentativa, busquei estabelecer um diálogo entre as ciências sociais e a psicanálise. A partir daí, espero poder demonstrar os mecanismos sociais e psíquicos que bloqueiam a autodeterminação humana. Dizendo de outro modo, compreender a margem de liberdade, de autonomia, de emancipação e de responsabilidade que restam ao ser humano em sua vida pessoal e social. Como diz Sergio Paulo Rouanet, ao dar destaque

¹ Os conceitos de indivíduo e de sujeito, tais como os utilizo, estão definidos e esclarecidos no capítulo 4.

ao estudo das determinações psíquicas: “Considero impossível entender a luta de classes, as situações externas de opressão, de ideologia, de falsa consciência, sem entender os mecanismos psíquicos que condicionam todas essas distorções”. (ROUANET, 2004b)

Desde que me iniciei no estudo da psicanálise, em 1978, colocava-me a questão sobre as relações da teoria e da prática fundadas por Freud – que causaram decisivo impacto na cultura do século XX, e, de resto, até os dias atuais –, com a arte, com a ciência e, em especial, com os estudos sociais.

Freud afirmava que a psicanálise, ao lado da ciência, era apoiada na busca incessante de um conhecimento mais aguçado da realidade, no sentido do esclarecimento, sempre *incompleto*. Em relação à arte, expressava que a psicanálise era tributária das obras artísticas, atribuindo aos artistas um profundo conhecimento da alma humana e da sociedade. Pensava mesmo que os autores literários estavam muito adiante das pessoas comuns – entre elas cientistas e psicanalistas – porque bebiam em fontes para nós inacessíveis. (FREUD, 1973d, p. 1286)

Em relação aos estudos sociais, ele afirmava a impossibilidade de separar a psicologia individual da psicologia social, já que não há como o indivíduo se constituir fora da relação com seus semelhantes, para se identificar – somente através da identificação com o outro esse indivíduo pode formar o seu Eu e internalizar o seu sistema de valores morais. Em outras palavras, o indivíduo somente adquire a condição humana através do laço social construído na sociedade em que vive.

Os estudos de Freud em *Totem e tabu* se referem à origem da religião e da sociedade; em *Psicologia das massas e análise do Eu*, visam a elucidar a natureza dos laços sociais, onde trata da questão, essencial para a compreensão destes, da identificação; em *Mal-estar na cultura*, explicam a sua teoria da renúncia pulsional como condição da civilização e, portanto, da irredutibilidade do conflito entre indivíduo e cultura; em *Dissolução do complexo de Édipo*, tratam da formação do Supereu como instância de internalização dos valores sociais.

Encontramos outros textos que também podem ser fonte riquíssima para os estudos sociais: *O duplo sentido antitético das palavras primitivas*,

*Considerações da atualidade sobre a guerra e a morte, O sinistro, O porvir de uma ilusão, A moral sexual cultural e o nervosismo moderno, sem falar nas obras metapsicológicas: Os intintos e seus destinos, A repressão, O inconsciente, Adição metapsicológica para a teoria dos sonhos, Luto e melancolia.*²

Peter Gay (1989) inclui, também, como incursões freudianas na cultura, os seguintes textos: *Os atos obsessivos e práticas religiosas, O poeta e a fantasia, Uma recordação infantil de Leonardo da Vinci, O tema da eleição do cofrinho, O Moisés, de Michelangelo e O delírio e o sonho na Gradiva, de W. Jensen.*

Segundo Rouanet (2004b), Freud “tinha consciência de que não podia fazer uma psicanálise da alma sem, num certo sentido, fazer uma psicanálise da história e da sociedade”.

A contribuição freudiana à sociologia tem sido reconhecida e presente nas obras de pensadores clássicos e contemporâneos desta ciência social, ainda que as relações entre ambas as ciências ainda não tenham sido suficientemente sistematizadas e problematizadas.

Segundo Maria Isaura Pereira de Queiroz, Roger Bastide, ao vir para o Brasil para ocupar a cátedra de Sociologia, no Departamento de Sociologia da Universidade de São Paulo, em 1938, sucedendo Levi-Strauss, já mostrava, aos seus alunos e interlocutores, as convergências entre a sociologia e a psicanálise. As muitas contribuições de Bastide às Ciências Sociais no Brasil incluíram

[...] uma expansão extraordinária de perspectivas para quem o ouvia, mostrando a multiplicidade dos pontos de vista e dos sistemas de pensamento dos diversos autores de variadas correntes [...]. (QUEIROZ, 1994, p. 215-220)

Talvez esta tenha sido uma das primeiras contribuições interdisciplinares entre estudos sociais e psicanálise, no Brasil.³

² Os títulos das obras foram traduzidos livremente das *Obras completas*, trad. directa del alemán por Luis Lopes Ballesteros y de Torres, da Ed. Biblioteca Nueva, 1973, incluídas nas referências bibliográficas.

³ Bastide tem um livro traduzido para o português, *Sociologia e psicanálise* (1974).

Existem vários trabalhos feitos no Brasil sobre as convergências entre sociologia e psicanálise, feitos por estudiosos da área sociológica.⁴ Uma contribuição exemplar foi oferecida por João Gabriel Teixeira, em seu livro *A teoria da sociedade em Freud* (1991), no qual propõe uma sociologia freudiana, ou uma sociologia do inconsciente, a ser introduzida nos currículos de graduação em ciências sociais do país. O autor argumenta que algumas descobertas freudianas, em especial as tratadas em textos sociais de Freud, podem possibilitar a compreensão das bases do comportamento humano e suas convergências com a gênese da vida social. Teixeira examina os textos *Moral sexual “civilizada” e doenças nervosas modernas* (1908); *Totem e tabu* (1912-13); *Além do princípio do prazer* (1920); *Psicologia de grupo e análise do ego* (1921); *O ego e o id* (1923); *O futuro de uma ilusão* (1927); *Mal-estar na civilização* (1929) e *Moisés e o monoteísmo* (1939), à luz dos quais estabelece as relações entre as formas ideológicas de pensar e agir e os fenômenos inconscientes, e entre estes e os fenômenos sociais.

No que se refere às contribuições feitas por estudiosos da psicanálise devo mencionar o grupo denominado “Sexto Lobo”, constituído, entre outros, pelos psicanalistas Jurandir Freire Costa, Contardo Calligaris, Otávio Souza e Joel Birman, que têm oferecido contribuições neste sentido. Renato Mezan⁵, Maria Rita Kehl, Chaim Katz, Sérvulo A. Figueira, também se dedicam a pensar questões da atualidade, a partir das elaborações teóricas de suas clínicas.

Rouanet diz, no entanto, na já citada entrevista à revista *Percurso*, que não se vê muita contribuição para se tentar compreender, a partir de categorias da psicanálise, grandes problemas do nosso tempo, apesar de entender que:

Apenas a psicanálise, mais do que o marxismo ou do que a sociologia, ou ainda, do que a antropologia (que etimologicamente é a ciência do homem), enfim, mais do que qualquer outra ciência, possui os instrumentos

⁴ Ver, por exemplo, Edson Farias (2006). Barbara Freitag, em vários de seus livros, recorre à abordagem interdisciplinar, incluindo o diálogo entre a psicanálise e seus estudos, que tratam da educação, da sociologia urbana, da arquitetura etc. E também Rouanet, que será lido em outro capítulo.

⁵ *Freud, pensador da cultura*; *Freud: a trama dos conceitos* são livros de leitura obrigatória para os que se interessam por essa temática.

teóricos para pensar as formas contemporâneas assumidas pelo mal-estar na civilização. (ROUANET, [2004a])

Rouanet ([2004a]) está se referindo, embora afirme que conhece várias exceções, aos esforços que não têm sido muito feitos, a partir do próprio Freud,

[...] de tentar entender as macro-estruturas e os fatores que condicionam a sociedade, a história contemporânea, etc., [...] as várias patologias graves da nossa sociedade como, por exemplo, o imperialismo, o atual belicismo americano, o renascimento dos fundamentalismos, a regularização das identidades étnicas, nacionais (com o que isso comporta de perigoso) [...] Em que medida categorias como a pulsão de morte estão sendo utilizadas para explicar, por exemplo, os ataques suicidas dos palestinos? No caso do conformismo da população americana, conformismo este muito grave, [...] Não estariam funcionando aí mecanismos de psicologia de massas absolutamente idênticos aos que Freud estudou nos anos 20 e que impediriam a população americana de entender o que era óbvio para o resto do mundo? [...] Por que as grandes análises feitas por Freud sobre fenômenos de civilização com o cruzamento de estruturas sociais e anímicas pararam com ele? [...] É como se Freud já tivesse dito tudo o que precisava ser dito com relação ao mal-estar na civilização. E o mal-estar moderno? Sessenta anos depois de Freud ter escrito *O Mal-Estar na Civilização* o que mudou? O que não mudou? O que estava errado em Freud? A minha impressão é que no plano teórico houve pouco progresso [...].

Ao observarmos uma criança pequena brincando, pensamos que, em condições favoráveis, ela tende a ser espontânea, verdadeira, alegre, indefesa. E, depois, quando a vemos adulta e nos deparamos com o que se tornou, percebemos que as previsões favoráveis não se concretizam. Freud dizia que lamentava muito perceber o quanto era brutal a transformação ocorrida. Podemos constatar tal fato, mais claramente, na literatura e no cinema, por proporcionarem uma visão condensada da passagem do tempo. E, também, na vida cotidiana, ao nos lembrarmos de pessoas – que hoje estão vivendo situações penosas enquanto adultas – e nos transportarmos para o tempo em que eram crianças.

O que acontece, nesta passagem do tempo?

Em primeiro lugar, não podemos descartar as contingências da vida – implacáveis, inexoráveis –, que valem tanto para o lado positivo, quanto o negativo. Mas não vou tratar da contingência. Nem da sorte, ou do azar.⁶

Vou tratar das condições sociais que vão definindo o desenvolvimento de uma criança para se tornar o que não escolheu ser quando adulta. Por condições sociais estou entendendo a família, a educação, o contexto cultural, social e histórico que determinam as posições e as transformações. Para tanto, creio que o conceito de *habitus*, de Pierre Bourdieu e de Norbert Elias, pode dar conta dessas condições que moldam, constituem e aprisionam o indivíduo, ao mesmo tempo em que apontam para alguma saída.

Vou tratar, também, das determinações inconscientes estudadas por Freud que, da mesma forma, moldam, constituem e aprisionam o sujeito e, de igual modo, apontam para uma saída possível.

O meu esforço, portanto, foi o de articular dois conceitos – um, da sociologia e outro, da psicanálise – para formar uma categoria teórica à luz da sobredeterminação e da teoria da complexidade. Indivíduo e sujeito, sob duas perspectivas –, uma sociológica, outra psicanalítica –, para o entendimento dos limites da “liberdade” frente à sobredeterminação que nos faz ser o que somos, o que nos tornamos. E, certamente, para o esclarecimento sobre questões inerentes ao sentido da responsabilidade frente ao que nos tornamos quando adultos.

Aqui cabe uma advertência, em relação à dimensão interdisciplinar, esta que estabelece pontos de confluência entre as áreas do saber: não se trata de valorizar, dar mais importância a uma ou a outra, mas de acentuar que o estudo de qualquer objeto do conhecimento ultrapassa as fronteiras disciplinares. Se há uma ênfase na contribuição da psicanálise à sociologia é devida, estritamente, ao fato de que esta é uma tese sobre sociologia.

⁶ Deixo de lado, também, os fatores bioquímicos tratados pela neurociência, cuja contribuição é inestimável para essa questão, que, associada às outras abordagens, como a psicanalítica e sociológica, constituem uma multiplicidade de níveis teóricos que correspondem aos múltiplos níveis de realidade do mesmo fenômeno, à luz da lógica da complexidade. Assisti, recentemente (4/11/2007), a uma série de palestras, na UFBA, entre as quais a do neurocientista Miguel Nicolelis, que apresentou um interessante estudo, objeto de sua pesquisa, entrelaçando categorias psicanalíticas e neurológicas, dizendo, ao final, que “está na hora de trazer Freud para o centro do Panteão!”

Se fosse uma tese sobre a psicanálise, inúmeras contribuições teóricas da sociologia haveriam de existir, com muito proveito para a psicanálise.

O primeiro encontro entre a psicanálise e os estudos sociais, depois de difundida a psicanálise, foi inaugurado por Adorno e Horkheimer, da Escola de Frankfurt, os primeiros a estabelecer um diálogo entre o freudismo e a teoria crítica da cultura. Este diálogo foi dos mais frutíferos para a compreensão e a análise crítica de importantes fenômenos da sociedade, em especial a questão da submissão às mais diversas formas de opressão, e, conseqüentemente, à questão da emancipação humana. Esses autores recorreram aos conceitos – importados da psicanálise freudiana – de identificação e projeção, para explicar como a teoria crítica interpreta o fenômeno da submissão dos indivíduos em relação àqueles que não representam os seus interesses.

Seguindo uma trajetória desses diálogos, que começam em Nova York, Los Angeles e depois continuam em Frankfurt, no século passado, e se estendem ao Brasil, chego a Sérgio Paulo Rouanet, como um dos mais criativos e profícuos pensadores da atualidade, no qual vou me deter.

Sua obra, extensa, contém interpretações de problemas sociais atuais da maior importância, não apenas pela escolha de seus temas, como também pelo aprofundamento que lhes dá, com todo requinte intelectual.

Se nos demais pensadores das ciências sociais encontramos importantes trabalhos sobre o diálogo entre psicanálise e sociologia, não há nem um ainda feito sobre as obras de Rouanet a respeito dessa interlocução.

Em relação à questão do indivíduo, selecionei, entre os autores possíveis, a interpretação de Pierre Bourdieu, que trata a dimensão social do “agente” como posição ocupada no espaço social – a qual depende do capital econômico e cultural que possui – por meio do qual incorpora as suas disposições ou *habitus*, que interferem em suas tomadas de posição ou escolhas.

Complementando a interpretação de Bourdieu recorro a Norbert Elias, a seu conceito de *habitus* como saber socialmente incorporado, forma social de ser de um determinado povo, em uma determinada época, constituído no decurso dos processos de longa duração – que compreen-

dem os processos de interdependência, interpenetração e figuração social, ou seja, composição de indivíduos orientados recíproca e mutuamente, que depende da fase específica do desenvolvimento da nação-estado.

Quanto à questão do sujeito, este será tratado através de uma inferência feita a partir de Freud, que não teorizou diretamente o sujeito, mas deixou latente, em sua rede teórica, a sua conceitualização, suficientemente ampla e aberta para ser desenvolvida. Refiro-me à sua construção sobre os sistemas inconsciente, pré-consciente e consciente, às instâncias do Id, Eu e Supereu e ao conceito de identificação.

A teorização sobre o indivíduo e o sujeito, recorrendo-se aos conceitos da sociologia e da psicanálise, articulando-os, em um diálogo interdisciplinar, teve, como pano de fundo, a teoria da complexidade, a mais recente concepção da teoria do conhecimento, que trata, à luz da interdisciplinaridade, conceitos complexos e o seu contraponto – a sobredeterminação, como é o caso do indivíduo/sujeito.

Após ter demonstrado, com a teoria da complexidade, uma justificativa epistemológica do diálogo interdisciplinar, vou tratar de delimitar os campos da sociologia e da psicanálise aos quais estarei me referindo – como saberes irreduzíveis, ainda que suas fronteiras possam ser indefinidas, ou difusas.

Meu interesse consiste, primeiro, em trazer à luz a possibilidade e a necessidade do diálogo entre a sociologia e a psicanálise; em segundo, mostrar como esse diálogo pode ser feito, através de textos selecionados de Sérgio Paulo Rouanet e, terceiro, contribuir para esse diálogo, teorizando sobre os condicionamentos sociais e psíquicos do ser humano.

Alguns esclarecimentos se fazem necessários. Quais foram os critérios e justificativas adotados para a escolha dos autores e dos diferentes estudos de cada autor? Diria que, em primeiro lugar, com Bourdieu, encontrei a minha posição no espaço social e no campo da sociologia e da psicanálise. Logo em seguida, com Freud, me deparei com as minhas identificações. Assim, pretendo demonstrar, a partir de minhas próprias escolhas, o tema central que vou tratar: os condicionamentos sociais e psíquicos do ser humano.

Estou condicionada socialmente para fazer minhas escolhas, pelo momento, lugar e contexto nos quais sou inserida, queira ou não. Estou determinada, inconscientemente, para fazer minhas escolhas, por minhas identificações, mesmo que tenha alguma consciência delas. E não acredito que ninguém possa fazer escolhas de forma diferente.

Como justificar a presença de Sérgio Paulo Rouanet? Para mostrar como se faz, de forma bem sucedida, o entrecruzamento teórico das ciências humanas e da psicanálise. Além disso, esse autor traz elucidações importantes para a questão do indivíduo e do sujeito. O critério de seleção dos seus livros foi baseado no diálogo que ele faz entre seus estudos (relacionados às ciências humanas) e a psicanálise.

Feitos esses esclarecimentos, passo a descrever o caminho percorrido neste trabalho, fundamentando a lógica de pensamento adotada. O primeiro capítulo trata da explicitação de minha posição epistemológica, baseada na teoria da complexidade, da concepção do objeto complexo e seu contraponto, a sobredeterminação.

O segundo capítulo trata de uma delimitação dos campos da sociologia e da psicanálise, à luz da teoria dos campos de Pierre Bourdieu. De qual sociologia e de qual psicanálise estaremos falando?

No terceiro capítulo venho demonstrar, com Rouanet, como se pode fazer o diálogo entre diferentes áreas do saber, como algumas categorias apropriadas da psicanálise são necessárias à compreensão de fenômenos da vida em sociedade, inclusive a questão do conhecimento e da razão.

O quarto capítulo traz as conceituações de indivíduo e de sujeito, tal como utilizo esses termos, sem deixar de considerar que “sujeito” e “indivíduo” são categorias tanto da sociologia, como da psicanálise (como também da filosofia, da biologia etc.), aplicadas de acordo com os mais diversos sentidos. No entanto, ao restringir o sentido dessas categorias, ao meu modo, posso melhor articulá-las: de um lado, o sujeito – como inconscientemente sobredeterminado, segundo a teoria psicanalítica; de outro, o indivíduo – como socialmente condicionado, segundo a teoria social.

Com o quinto e último capítulo concluo este ensaio, na esperança de que possamos manter ainda uma utopia, no sentido de que sonhar é preciso, mais do que navegar. Sonhar não é prerrogativa dos poetas. Mas é, principalmente, dos que fazem ciência, pois é a partir do sonho e do desejo que podemos contribuir para a emancipação do ser humano, para a libertação de sofrimentos desnecessários, para a consciência da responsabilidade por suas ações. Assim, chego à conclusão ensejando a razão crítica, sobretudo a autocrítica, no sentido de aprimorar a condição “humana” em direção à empatia e ao respeito a tudo que habita esse pequeno tão grande planeta em que vivemos.

Para o leitor, uma advertência: embora os capítulos sigam uma ordem lógica, podem ser lidos a qualquer tempo, pois expressam certa autonomia.

O que é fundamental, para mim, como autora, é contribuir para o entendimento dos limites da razão, da consciência, do conhecimento e do posicionamento do indivíduo/sujeito na sociedade em que vive e pela qual é moldado. É aprofundar a compreensão do que ele faz, diz e pensa, à sua própria revelia, sem o seu consentimento consciente, com todas as racionalizações presentes no seu comportamento, enquanto ser e estar no mundo.

Ou seja, é questionar sobre o que nos impele a ser o que somos, a fazer o que fazemos, a dizer o que dizemos. Sobretudo, a pensar o que pensamos sobre nós mesmos e sobre os outros, em grande parte defensivamente e, na maior parte das vezes, fundamentados em uma linha de pensamento ilusória. Diante de tanto desconhecimento de nós mesmos, como podemos problematizar a questão da responsabilidade? Por fim, gostaria de contribuir também para “criar novas imagens do sujeito que facilitem o difícil exercício de viver, amar e morrer quotidianamente, em um mundo sem compaixão, para retomar a expressão de Hegel”, fazendo minhas as palavras de Jurandir Freire Costa (1996, p. 34-40).